

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2013

Patrocinador oficial  
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 400 exemplares  
Depósito Legal: 366919/13  
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



# AS ESTELAS DE CASTELÕES E AS REPRESENTAÇÕES PROTO-HISTÓRICAS DO PODER

Armando Coelho Ferreira da Silva / Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Investigador do Centro de Investigação Transdisciplinar, Cultura, Espaço e Memória – CITCEM / acfsilva@sapo.pt

João Ribeiro Parente / Historiador; Investigador do CITCEM

Maria José Folgado Lobato / Mestre em Arqueologia / Investigadora do CITCEM

Raquel Jorge / Engenheira Civil / Investigadora do CITCEM

## RESUMO

Dando notícia preliminar de um achado recente de duas estelas, ditas do sudoeste, no lugar de Castelões, freguesia de Calvão, concelho de Chaves, distrito de Vila Real, apresenta-se a sua análise descritiva com reconsideração da problemática da territorialidade e da simbólica do poder local e regional a partir da distribuição geográfica e formatos de representação, sublinhando a originalidade da tipologia destes monumentos no quadro evolutivo da escultura de pedra do noroeste peninsular.

## ABSTRACT

Introducing the preliminary news of a recent finding of two stelae, said from the southwest, in the place of Castelões, Calvão, Chaves, Vila Real district, here is its descriptive analysis with reconsideration of the territoriality and symbolic power from local and regional geographic distribution and representation formats, highlighting the unique typology of these monuments within sculpture of northwestern peninsular.

## 1.

Foram por nós referenciadas duas novas estelas decoradas, tipologicamente ditas do sudoeste, na aldeia de Castelões, freguesia de Calvão, concelho de Chaves, distrito de Vila Real, que, segundo as informações dos autores da sua descoberta, a primeira terá aparecido em meados de Julho de 2012, por ocasião de uma caminhada pedestre de três membros da mesma família (Maria Albertina Pinto Martins, o marido Armindo Cunha Rodrigues e o filho Rui Miguel Martins Rodrigues) até ao Alto de Castelões, e a segunda no dia 1 de Setembro a cerca de 12 metros de distância para oeste relativamente à anterior.

A primeira encontrava-se enterrada lateralmente, com reverso visível, e a outra deitada de dorso, a cerca de 250 metros a nordeste do marco geodésico de Forninhos (996,00m), às seguintes coordenadas geográficas: Longitude 07° 34' 20.73", Latitude 41° 48' 19.87" e Altitude 960 m.

As suas dimensões e iconografia são similares, de que se resumem as principais características:

## ESTELA DE CASTELÕES 1

*Matéria* – granito local, de tonalidade acinzentada, conhecido justamente como “granito de Castelões”, com muito quartzo e mica preta.

*Morfologia* – Peça completa constituída por um monólito de espessura regular, de cerca de 20,00cm, 150,00cm de altura (cerca de 25,00cm enterrados) e 120,00cm de largura média, apresentando, genericamente, uma conformação retangular sobreposta por um semicírculo com o perfil boleado, enquanto a parte inferior, para enterramento, não terá vestígios de especial tratamento. O anverso da laje é plano e foi previamente alisado para a figuração, enquanto o reverso se apresenta tosco, ao natural.

*Iconografia* – A distribuição dos objetos gravados, que representam armamento, é a seguinte: um escudo, emblemático, ocupa o lugar central da composição, adequando a sua localização ao perfil semicircular. O escudo tem chanfradura em V, que interrompe os três aros exteriores, sendo constituído por cinco círculos concêntricos, o exterior com 60,00cm de diâmetro,

o quarto com 40,00cm de diâmetro, o terceiro com 32,00cm de diâmetro, o segundo com 24,00cm de diâmetro, e o círculo central, de 14,00cm, com traço horizontal de braçadeira ou pega diametral. É evidente a regularidade da linha de incisão com cerca de 1,00cm de largura e profundidade.

Por baixo do escudo, está figurada em posição horizontal, com orientação da direita para a esquerda, uma espada completa, com cerca de 66,00cm de comprimento, com empunhadura que aparenta pomo em calote e folha pistiliforme (Coffyn, 1985, pp.75-82,168-169; fig. 34-36), com 6,00cm de largura máxima, aparentando analogias com exemplares de bronze de maior proximidade tipológica à espada de Sobrefox (Coffyn, 1985, fig. 59). As diferenciações dos relevos, mais leves na zona central, permitem supor a existência da nervura característica deste modelo.

À direita do escudo, perpendicular à espada, está uma lança, com 56,00cm de comprimento, sendo 36,00cm de haste e 20,00cm de ponta foliácea com 5,00cm de largura máxima, com parentesco mais próximo em dois exemplares do depósito de Solveira, Montalegre, das imediações deste achado (Coffyn 1985, p.319; pl. XLIII, 4-5).

Para além do armamento, à esquerda do escudo, visualiza-se, em posição invertida, um espelho, de disco subcircular com pé, que se reconhece como produto de luxo resultado do intercâmbio com o mundo mediterrânico.

Mas a maior originalidade desta composição poderá encontrar-se na representação da orla periférica da estela, que apresenta vestígios de ter sido totalmente ornamentada com denticulado em zig-zag contínuo, com um espaçamento irregular que varia entre 6,00cm e 8,00cm nos vértices. A ancestralidade deste motivo observado em suportes líticos e peças de ourivesaria desde o Bronze Inicial manifestará a carga simbólica desta representação (Figura 1).

## ESTELA DE CASTELÕES 2

*Matéria* – granito de tom amarelado, não existente no local, com muito feldspato, quartzo miúdo, pouca moscovite e muita biotite.

*Morfologia* – monólito com cerca de 15,00cm de espessura, 150,00cm de altura (cerca de 25,00cm enterrados) e 115,00cm de largura média, de configuração congénere à anterior, com o anverso igualmente plano e alisado e o reverso tosco, ao natural.

A parte superior foi igualmente boleada, enquanto a parte inferior, para enterramento, não terá vestígios de especial tratamento.

*Iconografia* – A distribuição dos objetos, que representam armamento e outra iconografia acessória, é a seguinte: o escudo ocupa o lugar central, sendo constituído por três aros concêntricos, com chanfradura em V, à direita. O diâmetro máximo é de 48,00 cm no círculo exterior, o terceiro é de 36,00 cm, o segundo de 24,00 cm e o círculo central com 14,00 cm. O realismo da representação que se observa na pormenorização da chanfradura pode ser ainda notado na figuração da pega central marcada por duas linhas paralelas incisadas e sobretudo pelo cravejamento visível em todos os aros, que fixariam as tiras de couro ou chapas de metal ao suporte, de madeira ou de metal.

Por baixo do escudo, está figurada uma espada completa em posição quase horizontal, com orientação da direita para a esquerda e dimensões de 60,00 cm de comprimento, com empunhadura de hastes bifurcadas e ponta da lâmina estrangulada em língua de carpa típica das espadas do depósito da ria de Huelva (Coffyn, 1985, pp. 82-84, 205-207; fig.48-49).

Na parte superior está representada uma lança com haste comprida e ponta foliácea com 68,00 cm no total, sendo 25,00 cm de ponta com 7,00 cm de largura máxima, e, do lado direito, na parte inferior do escudo, em posição vertical, singulariza-se uma ponta de lança, de 15,00 cm, a completar a panóplia guerreira.

Na parte inferior, do lado esquerdo da peça, entre a espada e o escudo, há uma série de outros motivos, de que se destaca uma representação antropomórfica estilizada, com 25,00 cm de altura, na qual se percebe um círculo de 4,00 cm de diâmetro, representando a cabeça, e linha dorsal vertical com membros superiores e inferiores abertos. Aos pés da figura, do lado esquerdo, parece estar um pequeno zoomorfo, canídeo ou cervídeo, com cauda, patas e orelhas ou armadura representadas por segmentos lineares, e, do lado direito, um motivo geométrico, com dois círculos quase concêntricos de 10,00 cm e 4,00 cm de diâmetro, de aspeto lunular, a que se anexa um pequeno círculo complementar, podendo interpretar-se como um espelho.

A orla exterior com denticulado em zig-zag contínuo com um espaçamento mais regular é ainda visível em quase todo o seu perímetro.

Nestas circunstâncias, queremos sublinhar o notá-

vel contributo destas estelas, não tanto pela multiplicação de novos achados, mas sobretudo pelo que elas significam para o conhecimento de aspetos da sua distribuição geográfica, análise espacial, contextualização arqueológica e cronologia, interpretação funcional e simbólica (Figura 2).

2.

Na última síntese, da autoria de Marta Díaz-Guardanimo, depois das obras pioneiras de M. Almagro-Basch (1966) e M. Almagro-Gorbea (1977), sobre as estelas decoradas na Pré-história da Península Ibérica, o único registo de peças congéneres (*estelas de guerreiro* ou *estelas do sudoeste* ou *estelas de tipo extremeño* conforme a diversidade das designações que se lhes reportam), sinalizado fora do sudoeste peninsular, em sentido geral, resumia-se à estela de Luna, Valpalmas, Zaragoza, além dos três casos conhecidos do oppidum de Substantion e de Buoux 1 e 2 do sudoeste francês (Díaz-Guardanimo, 2010, fig.192-3), informação que por vezes ainda se mantém em publicações da especialidade (Vg., Quesada Sanz, 2013, p. 88).

E uma das maiores curiosidades registadas nas IV Jornadas Raianas, dedicadas ao estudo das *Estelas e estátuas-menires: da Pré à Proto-história* (Vilaça 2011), residiu na observação de uma série de achados recentes que, ao reforçarem a configuração de um importante núcleo em torno do ocidente da Cordilheira Central, lhes conferia simultaneamente uma dimensão de maior atlantização, resultante do seu carácter indígena, inerente a determinados motivos representados, mas sobretudo assinalada pela referenciação de uma estela em Tojais, Cervos, Montalegre, na região do Alto Tâmega do noroeste peninsular (Vilaça; Osório; Santos, 2011, p. 357).

Maior surpresa, porém, terá sido o reforço deste núcleo com a descoberta de duas novas unidades na Beira Baixa de Portugal, uma na Zebreira, Idanha-a-Nova (Figura 3-4, 12) recentemente publicada (Henriques; Chambino; Caninas, 2012), e outra em curso de estudo (Raquel Vilaça), nas suas proximidades, na freguesia do Telhado, concelho do Fundão (Figura 3-4, 11) e, mais ainda, por este par de estelas, de que aqui se dá notícia, que, associadas à de Tojais (Figura 3-4, 4; Alves; Reis, 2011), nas suas vizinhanças, e à de Pedra Alta (Figura 3-4, 1), igualmente próxima, em Castrelo do Val, junto de Verín (Reboreda, 2012), constitui um conjunto expressivo

dessa atlantização, a reivindicar outra designação de natureza geográfica que não confinada ao sudoeste. As estelas 1 e 2 de Castelões, de dimensões e iconografia similares, mostram uma composição caracterizada pela presença canónica de um escudo, com chanfradura, em posição central, que está enquadrado, numa superiormente e noutra lateralmente, na vertical, por uma lança e, na parte inferior, por uma espada aparentemente pistiliforme e em língua de carpa, a que se somam motivos complementares, um antropomórfico, um zoomórfico e um geométrico, na estela 2, conformando-se aos tipos B e B+O de Díaz-Guardanimo (2010) ou I e II de Celestino Pérez – Salgado Carmona (2011) esquematizados nessas Jornadas.

A observação do local do achado num planalto de amplíssimo horizonte visual, à altitude próxima dos 1000m, sem vestígios de função funerária, terá importância para a sua interpretação, como expressão do domínio territorial emergente no final da Idade do Bronze relacionável com a formação da cultura castreja, que se vem notando genericamente na viragem do II para o I milénio a.C. (1200 - 800), que se pode associar, na região, mais imediatamente ao Facho de Castelões, que lhe é próximo (Silva, 2007, p. 146, n.º 599), e eventualmente também ao Outeiro dos Mouros, mais afastado (Silva, 2007, p. 146, n.º 600), de que se conhecem materiais compatíveis com essa cronologia.

Assinalando uma rutura no processo organizativo da sociedade indígena, conforme vem sendo cada vez mais corroborado por estudos sobre o habitat, a economia e a ergologia com correspondências nos registos de índole sociocultural, estes testemunhos representam uma expressão excecional do incremento da hierarquização, que terá acentuado o poder de algumas chefaturas, não raro indiciado por outros numerosos bens de prestígio, denunciadores de uma acumulação extraordinária de riqueza.

Tendo ocorrido esta fase de formação em contexto atlântico, de ótimo climático e económico, relacionada com o desenvolvimento excecional da atividade metalúrgica, com relações centro-europeias e ao mundo mediterrânico, de efeitos multiplicadores na atividade económica e no progresso social, cumpre invocar a abundância de recursos mineiros por toda a região, designadamente de estanho e particularmente de ouro no Vale do Terva, da bacia superior do Tâmega, cuja exploração poderá ser denunciada por inúmeros blocos de quartzo, porven-

tura aurífero, esparsos pela plataforma, onde as estelas foram implantadas, sinalizando o domínio do território e dos mecanismos de produção e intercâmbio dos produtos metálicos pelas elites locais. A relação deste sítio com a via XVII, que unia *Bra-cara Augusta* a *Asturica Augusta*, com passagem por *Aquae Flaviae*, mais denunciará, como se tem observado para outras situações (vg., Lopes; Silva; Parente; Centeno, 1994), casos de pervivência de caminhos tradicionais.

Limitando as presentes observações a uma nota sobre a interpretação iconográfica destes monumentos, queremos relevar a emblematização das armas figuradas, em particular do escudo, como a representação do universo, como se o guerreiro que o usava opusesse o cosmos aos seus adversários, como expressão de personagens heroizadas, protetoras da comunidade e do seu território. Simbolizando, na mitologia heliolátrica, o disco astral, a auréola de zig-zag periférica poderá significar os raios solares, como os que orlam o escudo da estela congênerede Luna, Zaragoza (Figura 3-4, 36), ou o corpo da estátua-menir da Nave, Moimenta da Beira, em Viseu, e da estátua-estela de Erratzu, Elizondo, em Navarra, datáveis do Bronze Inicial/Médio, entre 2200 e 1200 a.C., (Díaz-Guardanimo, 2010), assim interpretando tais manifestações artísticas, como expressão das inovações do universo espiritual e religioso associáveis à expansão indo-europeia, protagonizadas por uma divindade masculina solar, apolínea, quadrando bem com novos paradigmas sobre a questão das origens célticas (vg., Kruta, 2006).

Localizadas em pleno território calaico, confinado ao Alto Tâmega, porventura identificando entidades étnicas que vão aparecer na lista do Padrão dos Povos, a de Tojais com os *Equaesi*, a de Pedra Alta com os *Bibali*, e as de Castelões com os *Turodi*, futuros *Aquiflavienses*, não podemos deixar de observar a coincidência desta situação com o núcleo das estátuas de guerreiros castrejos da região, que referenciam a transferência do culto dos heróis para o interior do aglomerado urbano. Conferindo-lhes antecedência, como que intermediam uma linha sequencial com as restantes representações iconográficas de pedra, que se reconhecem na região, de cronologia mais antiga, desde o Calcolítico/Bronze Inicial, de que as mais significativas são as do Cabeço da Mina, em Assares, Vila Flor, sugerindo “continuidade de povoamento num tempo longo”, como também se observa na área lusitana (Henriques; Chambino; Caninas, 2012, p. 41),

onde igualmente se sugere a paternidade dos novos achados de *estelas de guerreiro*, designadamente a da Pedra da Atalaia 1 (Figura 3-4, 5) como sendo dos *Banienses* (Silva, 2011), a de Aldeia Velha (Fig. 3-4, 9) como sendo dos *Lancienses Transcudani*, a do Telhado (Figura 3-4, 11) dos *Lancienses Ocelenses* e a de Zebros (Fig.3-4, 12) dos *Igaeditani*, a destacar entre o vasto conjunto de povos havidos como lusitanos (Alarcão, 2001) que ocupavam um vasto território, alongado diagonalmente, de noroeste para sudeste, entre as atuais regiões da Beira Interior (distritos da Guarda e Castelo Branco) e a Extremadura espanhola (Henriques; Chambino; Caninas, 2012, pp. 26,36). Seja como for, não se poderá jamais ignorar o “ar de família” destas estelas calaicas com as lusitanas, podendo somar-se doravante entre os elementos de maior simbolização de uma comunidade lusitano-galaica, tradicionalmente reconhecida desde o Atlas antroponímico de J. Untermann (1965) por registos desse teor, a que se poderá associar, como manifestação de práticas identitárias, a série de teónimos maiores relacionados com rituais de tipo *suovetaurilium*, entre outros, ainda documentados por todo o território dessas mesmas regiões, desde Braga a Penafiel, Lamas de Moledo, Cabeço de Fráguas, Arroyo de la Luz e ora mais confirmados na epígrafe “lusitana” de Arronches (Ribeiro 2010), quando se forjavam novas identidades ligadas ao quadro administrativo provincial romano.

## BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de (2001) – Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4: 2, pp. 293-349.

ALMAGRO-BASCH, Martín (1966) – *Las estelas decoradas del suroeste peninsular*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Bibliotheca Praehistorica Hispana; 2)

ALMAGRO-GORBEA, Martín (1977) – *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Bibliotheca Praehistorica Hispana; 14).

ALVES, Lara Bacelar; REIS, Mário (2011) – Memoriais de pedra, símbolos de identidade. Duas novas peças escultóricas de Cervos (Montalegre, Vila Real), in VILAÇA, Raquel, coord. – *Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história, Actas das IV Jornadas Raianas (Sabugal, 2009)*. Sabugal, pp. 417-448.

CELESTINO PÉREZ, Sebastián; SALGADO CARMONA, José Ángel (2011) – Nuevas metodologías para la distribución espacial de las estelas del Oeste peninsular, in VILAÇA,

Raquel, coord. – *Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história, Actas das IV Jornadas Raianas (Sabugal, 2009)*. Sabugal, pp. 417-448.

DÍAZ-GUARDANIMO, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*. Madrid: Universidad Complutense.

HENRIQUES, Francisco; CHAMBINO Mário Lobato; CANINAS, João Carlos (2012) – A estela de guerreiro (lusitano) de Zebros (Idanha-a-Nova). *Sabucale*. Sabugal. 4, pp. 25-44.

KRUTA, Venceslas (2006) – L'ethnogenèse des Celtes et son rôle dans la formation de l'Europe. *Actes du Colloque Les Celtes aux racines de l'Europe*. Mariemont. (Monographies du Musée royal de Mariemont: 18), pp. 11-26.

LOPES, António Baptista; SILVA, Armando Coelho Ferreira da; PARENTE, João Ribeiro; CENTENO, Rui Manuel Sobral (1994) – A estátua-estela do Marco (Vreia de Jales, Vila Pouca de Aguiar). *Portugalia*. Porto. Nova Série. 16, pp. 147-153.

QUESADA SANZ, Fernando (2013) – Approche chronologique des stèles et statues du domaine ibérique à travers les représentations de l'armement. *Documents d'Archéologie Méridionale*. 34, pp. 85-98.

REBOREDA, Alberte (2012) – Estatua-menhir da Pera Alta. *Gallaecia Petrea* (Cidade da Cultura de Galicia – Museo de Galicia). Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, pp. 170-171.

RIBEIRO, José Cardim (2010) – Algumas considerações sobre a inscrição em “lusitano” descoberta em Arronches, *Serta Palaeohispanica J. de Hoz – Palaeohispanica*. Zaragoza; Institución “Fernando El Católico”. 10, pp. 41-62.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (2007) – *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira (2ª ed.; 1ª ed., 1986).

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (2011) – *Ordo Zoelarum*. Bragança: Museu do Abade de Baçal – Instituto Português dos Museus.

UNTERMANN, Jürgen (1965) – *Elementos de un atlas antropológico de la Hispania antiqua*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Bibliotheca Praehistorica Hispana; 7).

VILAÇA, Raquel, coord. (2011) – *Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história, Actas das IV Jornadas Raianas (Sabugal, 2009)*. Sabugal.

VILAÇA, Raquel; OSÓRIO, Marcos; SANTOS, André Tomás (2011) – Nova peça insculturada da região raiana do Sabugal (Beira Interior, Portugal: uma primeira abordagem, in VILAÇA, Raquel (2011) – *Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história, Actas das IV Jornadas Raianas (Sabugal, 2009)*. Sabugal, pp. 343-367.



Figura 1 – Estela de Castelões 1.



Figura 2 – Estela de Castelões 2.

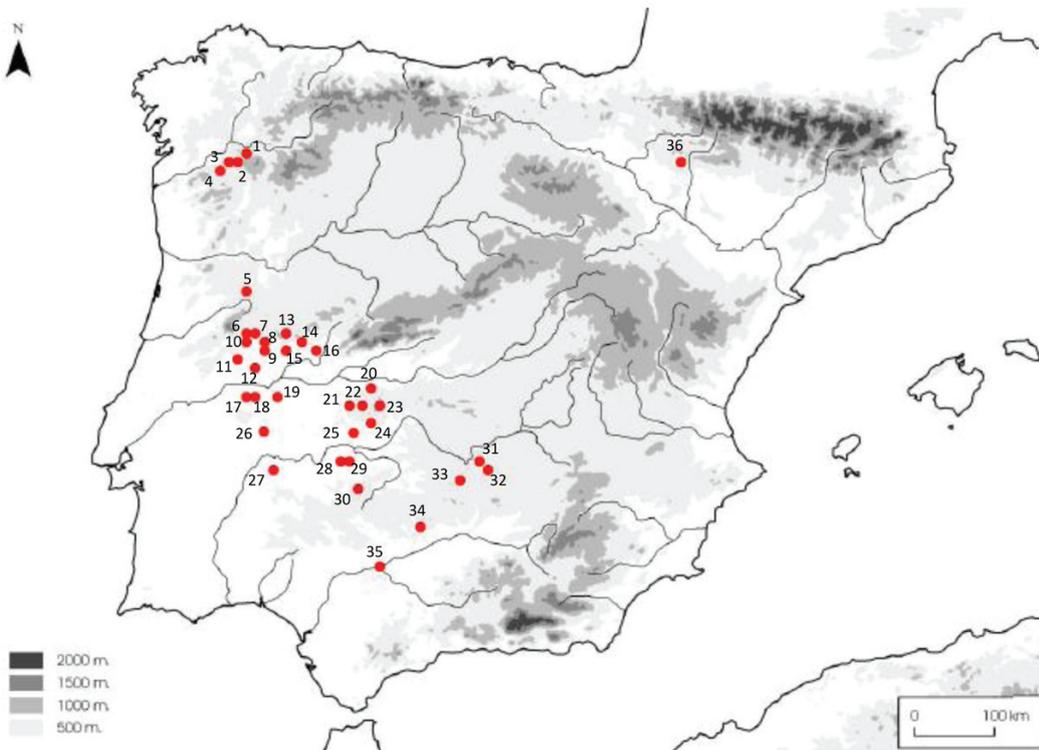
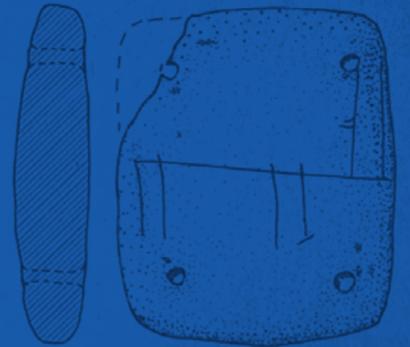
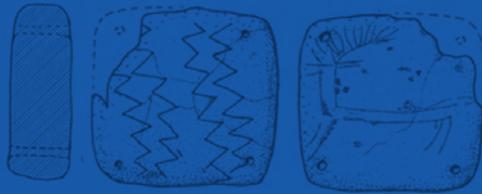
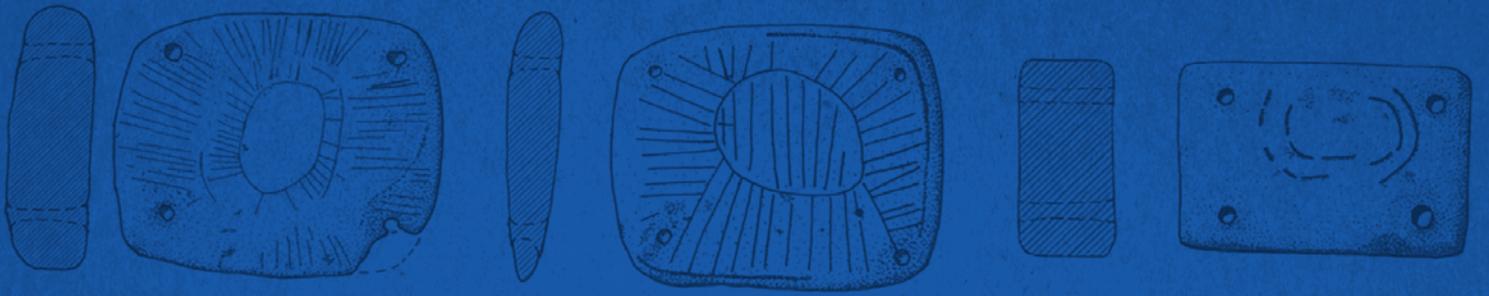
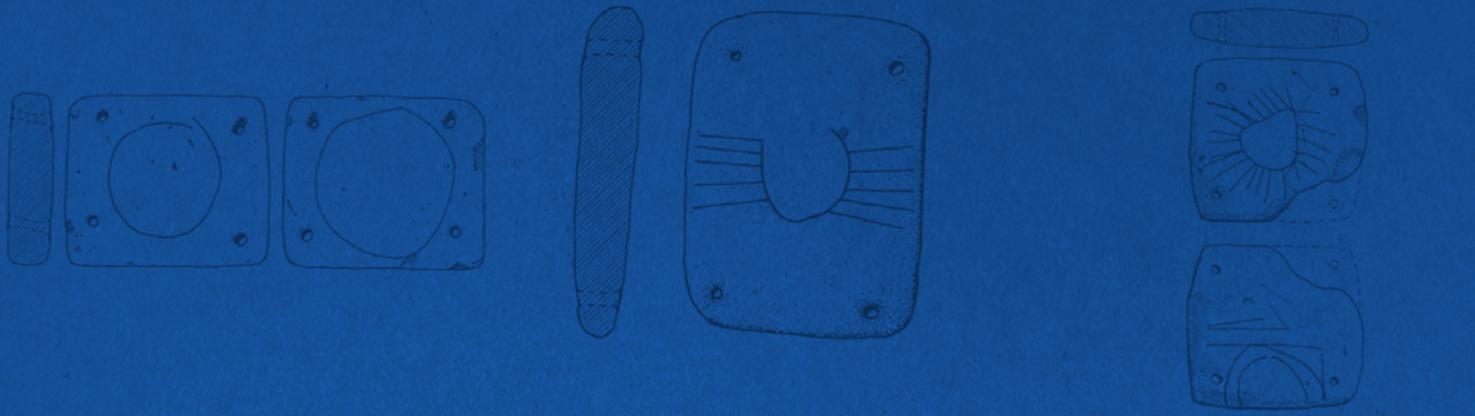


Figura 3 – Mapa.

Figura 4 – Estelas decoradas peninsulares de tipo básico do final da Idade do Bronze.

N.º	Localização	Alt. máx. (cm)	Larg. máx. (cm)	Esp. máx. (cm)	Escudo chanfr./circ.	Espada	Lança	Arco/Flecha	Capacete cornos/crista	Espelho	Pente	Fíbula	Diadema	Cinto	Carro	Antropomorfo	Zoomorfo	Geométrico	Tipologia
1	Our., Castrelo do Val, Pedra Alta	175	70	30	x/	x	x								x			x	B+O
2	VR, Chaves, Calvão, Castelões 1	150	120	20	x/	x	x			x								x	B+O
3	VR, Chaves, Calvão, Castelões 2	150	115	15	x/	x	xx			x?						x	x?		B+O
4	VR, Montalegre, Cervos, Arcos, Tojais	70	74	20	x/	x	x										x		B+O
5	Gu., Celorico da Beira, Pedra da Atalaia 1	138	60	22	x/	x	x?			x									B+O
6	Gu., Sabugal, Baraçal 1, Piçarreiras	155	83	36	x/	x	x												B
7	Gu., Sabugal, Baraçal 2	190	64	24	x/	x	x			x									B+O
8	Gu., Sabugal, Fóios, Eiras	93	66	9	x/	x	x					x?							B+O
9	Gu., Sabugal, Aldeia Velha	188	53	28	x/	x	x		?								x		B+O
10	CB, Penamacor, Meimão, Cabeça Gorda	83	69	?	x/	x	x												B
11	CB, Fundão, Telhado, Galegos	266	85	?	x/	x	x		/x	x									B+O
12	CB, Idanha-a-Nova, Zebreira, Zebros	50	30	17	x/	x	x		?										B?
13	Sal., Robleda, El Pinar de Descargamaría	150	49	18	x/	x	x			x									B+O
14	Các., Cabeza del Valle, Puerto de Honduras	124	62	15	x/	x	x			x									B+O
15	Các., S. Martín de Trevejo, Los Herraderos	150	78	21	x/	x	x			x									B+O
16	Các., Hernán Pérez, La Dehesa	83	40	35	/x	x													B
17	Các., Valencia de Alcántara 1, Las Mayas	122	43	12	x?/	xx				x					x				B+O
18	Các., Valencia de Alcántara 2, Las Mayas	126	48	19	x?/	x									x				B+O
19	Các., Brozas, Dehesa de las Puebas	142	75	20	x/	x	x			x	x	x							B+O
20	Các., Torrejón del Rubio 1, El Oreganal	117	75	15	x/	x	x	x/x		x		x			x				B+O
21	Các., Trujillo, El Carneril de la Ramira	124	50	16	x/	x	x												B
22	Các., Santa Ana de Trujillo, La Cabeza	185	44	23	x/	x	x		/x	X?									B+O
23	Các., Robledillo del Trujillo, El Oreganal	105	54	16	x?/	x	x												B
24	Các., Ibahernando, Santa Maria de la Jara	161	50	35	x/	x	x												B
25	Các., Montánchez, Almoharín	80	53	19	x/														B

26	Bad., Albuquerque, Tres Arroyos	?	?	?	x/	x	x			x									B+O
27	Bad., Almendralejo, Arroyo Bonaval	75	75	30	x/	x	x												B
28	Bad., Valdetorres 1, Cerro de lo Santo	101	58	28	x/	xxx	xx		x/	x			x		xx				B+O
29	Bad., Valdetorres 2	100	70	12	/x								x						B+O
30	Bad., Benquer. dela Serena, La Dehesa	77	71	10	x/	x	x						x	x					B+O
31	CR, Poz.Calatrava, Baños San Cristóbal	?	?	?	x/	x?													B
32	CR, Aldeia del Rey 1, El Cliquero	97	51	16	x/	x	x			x									B+O
33	CR, Almodóvar del Campo, Bienvenida 2	70	45	?	x/	x						x							B+O
34	Cór., Espiel	41	36	14	x/		x					x							B+O
35	Cór., Córdoba, Cortijo de la Vega	100	66	16	/x		x										x		B+O
36	Zar., Valpalmas, Luna, Tiñadel Royo	133	68	44	x/													x	B

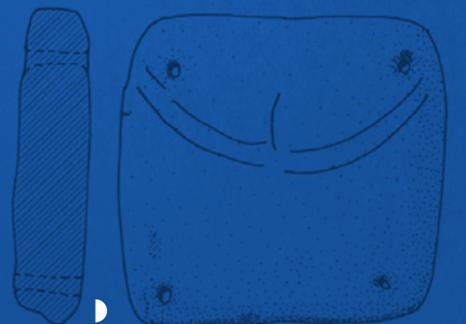


**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Patrocinador oficial



Apoio institucional



FUNDAÇÃO  
**Millennium**  
bcp

**BNP**  
BIBLIOTECA  
NACIONAL  
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE  
PORTUGAL

  
Parques de Sintra  
Monte da Lua